

A Verdade

PROPRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR: JOÃO PINTO DOS SANTOS

Composto e impresso na Typ. Espozendense—Espozende.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA CONDE AGROLONGO, 6—ESPOZENDE.

NEM SEQUER O MANTO DIABANO DA FANTAZIA.

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 46

ANO I

9

Outubro

1920

A coragem gerada
pelo habito só intervem,
repetindo-se da mesma
maneira, nos perigos
da mesma especie.

Gustavo Le Bon.



E' natural que os leitores estranhem o ponto que encima este artigo, escripto numa hora de tedio para não dizer-mos de não jo por toda esta politica asquerosa que ha anos já, se vem desenvolvendo, sugando e aspirando a largos haustos toda a seiva necessaria á existencia nacional. Não e' estranhem, porque em Portugal vive-se numa vida de interrogações ás quaes não ha resposta que satisfaça. E' interrogação o presente como o futuro. Nós não sabemos hoje, no momento em que falamos ou em que escrevemos, se estamos em paz ou em desordem, se preside o dr. Antonio José ou reina D. Manoel ou D. Duarte. Se nos propomos viajar para desanojar o espirito, para uma cura d'aguas, ou para qualquer outro fim urgente, a primeira dificuldade consiste em saber se partiremos quando as nossas conveniencias assim o exigirem, ou se uma imprevista grêve nos deixará ficar de guarda-pô e mala dos lenços em qualquer gare escondida entre trepos de matto e arcos de rosas, nessa admiravel promiscuidade botânica tão vulgar nos quinteiros dos nossos lavradores e que a civilização, talvez porque por alli passa de comboio, não conseguiu ainda apagar em muitas estações do nosso Portugal.

Depois se temos a felicidade de partir quando era nosso desejo, quem nos garante o regresso no dia que os nossos interesses marcam ou em que a nossa licença, a exigua e dispendiosa licença do funcionario, termina?

E por aqui fóra se succede um sem numero de interrogações que nos deixa no espirito a dolorosa impressão de que a nossa existencia vagueia perfeitamente ao acaso, como um pedaço de cortiça em pleno mar.

E não é só nestas coisas de todos os dias, que antigamente tinham uma certa fixidez; é em tudo e em todas as manifestações sociaes,

Sob o ponto de vista economico e financeiro é que é mais facil estabelecer previsões, porque ninguem pôde enganar-se desde que preveja cada vez maior ruina. Politicamente tudo é possível; as maiores desarmonias traduzem harmonia, as mais patentes incongruencias significam coherencia, á satisfação da nossa vaidade chama-se

grande sacrificio, á necessidade de nos vermos livres de um parceiro porque nos conhece e nos assombra chama-se dignidade ou qualquer coisa semelhante por aqui fóra uma longa e estirada fita de scenas impagaveis pelo imprevisto e pela desvergonha. O snr. dr. Antonio Granjo, por exemplo, nomeia para o governo Civil de Braga o ex.º snr. dr. Fonseca Lima, chefe democratico local e para administrador do concelho de Alijó um monarchico.

Foi coherente. Quem sabe a que profundos misterios politicos obedeceria este duplo gesto do snr. Granjo?

Quem sabe? Mais uma interrogação para findar-mos como começamos.

?...

PARA A HISTORIA DE ESPOZENDE

Sempre que se pensa em melhoramentos de Espozende, e no entusiasmo dos primeiros momentos, tudo são facilidades e abreem-se todas as bolsas. Mais tarde, consultando cada um o respectivo travesseiro, todos resolvem fechar-se em cópas e a respeito de dinheiro—nem uma de X.

Tem sido sempre assim e já agora—como «quem torto nasce tarde ou nunca se endireita» assim vamos procedendo, não nos lembrando que meios como o nosso, se quiserem progredir, tem de fazel-o em virtude do seu proprio esforço. E para que se não diga que fazemos afirmações gratuitas vamos proval-o, o que nos parece extremamente facil.

Pensou-se em fazer uma assembleia em Espozende, e no local onde ella atualmente se encontra. Acodem logo os visinhos, e tudo eram centos de mil reis para dar principio ás obras.

Pois senhores, a Assembleia lá está, linda como poucas terras se orgulham de ter, mas feita por Valentim Ribeiro. Os outros que tinham achado optima a idea, e que tinham prometido mundos e fundos, não deram nada.

Mais tarde, deu-se o mesmo com a cadeia. Agora vai, dizia o indigena cheio de importancia. Logo os visinhos acorreram com a generosidade da sua bolsa, para tirar d'aquelle local, o pardieiro imundo que está ali a mostrar ás gerações que vão passando-a nossa incuria e a nossa falta de amor por esta linda terra.

Trata-se de realizações e todos se retratam: apenas uma creatura que só acidentalmente vive em Espozende, mantem o seu donativo.

Pensa-se na construção do Hospital. Mostra-se a planta uma noite na Assemblêa.

Todos acham que é um melhoramento importantissimo para esta villa. E' preciso dinheiro e os proprios que dias antes patentearam o seu entusiasmo, mostram um sorriso escarninho o seu desdem e os grandes patrioteiros, encolhem-se e nem para minorar a sorte dos desgraçados pucham pelos cordões á bolsa. Principia-se a obra, acaba-se e cremos que ainda ha patriota em Espozende que nunca foi visitar o Hospital...

Ultimamente houve quem pensasse em acabar por uma vez com umas vielas que existem aqui na villa, e por onde a hygiene jamais passou. Mãos á obra, grande entusiasmo, dinheiro de A. e de B, enfim apenas faltava deitar abaixo os imundos casebres e eis senão quando, a creatura mais beneficiada, pôz os pés á parede e onde disse disse, disse que não tinha dito nada... Nessa altura, quem tinha tomado a iniciativa de fazer desaparecer a celebre Viela do Perfume, afirma categoricamente: ou f. dá o que prometeu ou nunca mais se vê livre desta montureira que lhe rodeia a casa.

O patriota nega-se a explicar-se com uns tantos mil reis e o bêco lá está a mostrar que nós somos capazes de tudo menos de gastar cinco reis em proveito ao proximo, apesar de dizer-mos em toda a parte, que Espozende precisa progredir e transformar-se.

Falar não custa: agir é que é difficil.

Por ultimo, houve quem fosse a Forjaes, pedir ao grande benemerito Rodrigues Faria, que auxiliasse um grupo de bem intencionadas creaturas que tinham traçado o seguinte programa: mudança da cadeia.

Abertura da Avenida de Goios, Bairro operario.

Rodrigues Faria, recebe com a costumada gentileza a comissão, escuta-os atentamente e explica-se com a quantia de 20 contos para as obras.

Pois senhores, nem os 20 contos gastamos. A cadeia lá continua alta e donairoza, na sua esquina, impelindo o transito e infetando com o seu cheiro nauseabundo, as casas visinhas.

A avenida de Goios é o que

os senhores vêem e nunca mais se faz, se em Espozende não houver um gesto de revolta e protesto contra o entorpecimento em que tudo aqui está mergulhado. O bairro operario, ainda não tem residencia certa; as pedras estão no monte, as madeiras dessimnadas pelo concelho; as telhas por fabricar. O tempo vai passando, a comissão que pediu este dinheiro não existe mais, o que se principiou está paralisado e assim ficamos a dar a nota do mais profundo desdem, do maior desleixo e para o futuro o nosso modo de ser de hoje deve marcar nitidamente o que vale a geracão a que pertencemos. Egoistas em extremo, não somos capazes de dar cinco reis do nosso bolso para prover ao bem comum e ainda peor que isso é o não termos a coragem de empregar o que mão generosa nos deu para dar principio ao nosso resurgimento.

E gasta-se tanta prosa tanta tinta a defender creaturas que não tem defesa, a bajular idolos que não tem valor, e de nós, da nossa, terra não tratamos.

Nós somos bem portugueses: Espozende é bem a imagem do nosso pobre e velho Portugal.

ESCOLA A CONCURSO

Foi posta a concurso a escola de Palmeira.

Uma escola só é posta a concurso num destes casos:

- morte do professor;
- desistencia;
- demissão.

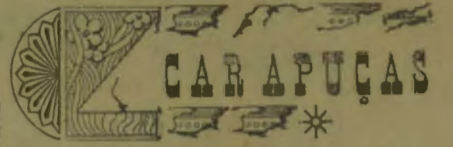
Felicamente o professor não morreu nem tem grande vontade disso; não desistiu do seu lugar a despeito de nem por isso se lhe dar muito das doçuras do lugar; não ha a rigori o caso de demissão, por que o respectivo professor recorreu daquelle pyramidal despacho que o demitia por ser acusado de ter assistido á festa da proclamação da monarchia!...

Ser acusado somente!...

O professorado do concelho, de cócoras diante do inspector—um pavão empenachado, cheio de basofia e impertinencia assignou servilmente a sentença de morte das victimas precisas para o inclito Inspector mostrar o seu acendrado amor á Republica.

Ao traçar estas linhas, não sabemos bem a quem devemos agradecer este acto, sob todos os pontos de vista injusto.

O Inspector, para ser um ho-



Oh que grande calinada,
Mas vai por conta do autor:
—Foi espulso da manada
Pelo meu superior!

Manada sabe o P. C.
Não é de um, nem de dois:
Toda a gente sabe e vê
São muitas vacas ou bois

E' P. C. quem se coloca
Num grupo tão bom armado.
Na manada, quem lho toca?
Não pôde se farpeado...

Ha apenas um reparo,
Em que se deve pensar:
Se P. C. puxou ao carro
Ou se está para puxar.

Creda bem, era melhor,
Tenha a certeza, o menino,
Não se queixar do pastor.
Mas somente do campino...

Se faz parte da manada,
E se lá se sente bem,
Nós cá não dizemos nada:
Assim quer, assim o tem.

Neiva

mem de bem, deveria ter respondido como um certo chefe de repartição a quem pediram o seguinte: diga V. quem são os seus subalternos desafetos ao regimen. Sabem a resposta?

Todos são bons republicanos: o unico desafecto sou eu. Sabemos que este illustre chefe de repartição, ao dizer isto teve apenas em vista proteger os seus subalternos, não querendo saber como eles pensaram, mas tão somente conhecer se cumpriam ou não. Ora o nosso querido inspector, alma danada em tudo isto, se tivesse procedido assim, tinha dito a verdade. Sua Ex.ª, na traulitania era tão trauliteiro como qualquer dos membros da Junta Governativa. Mas, replantada a Republica o inspector precisava apresentar victimas para mostrar o seu amor ao regimen. Tinha um nome. Mas um só? Não, não podia ser. E como tinha seus daires e tomares com certa creatura, vincou mais fundo o rictus da face, sorriu, todo elle se torceu numa contração nervosa, mordeu com força o charuto, que tinha entalado entre os dentes e disse, com estranha alegria: achei mais outro, o Boaventura.

Os colegas, que lhe invejam o talento e a independencia disseram.—amen: Boaventura foi posto fóra da escola. Recorreu. Justiça! Isso sim.

Mas se a Republica quizer ser

